Capítulo 16

Estrangeiros na criação da Escola Agrícola da Bahia (1863-1877)

Nilton de Almeida Araújo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Ciência & Sociedade collection. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

16.

Estrangeiros na criação da Escola Agrícola da Bahia (1863-1877)

Nilton de Almeida Araújo¹

O Imperial Instituto Baiano de Agricultura (IIBA), associação de classe integrada por grande proprietários, negociantes e ex-trafficantes de escravos, foi criado em 1859 por remanescentes da Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Província da Bahia (1832-1836), e pelo governo imperial. Criadas em diferentes contextos, ambas associações tinham como *leitmotiv* a difusão de conhecimentos agrônômicos para restauração e expansão da agricultura baiana. Ambas tinham na criação de uma escola agrícola a principal estratégia para viabilizar a regeneração científica da produção rural. Ambas tinham como membros e diretores elementos com um perfil social e geográfico bastante similar, a partir do Recôncavo Baiano, região produtora de açúcar (ARAÚJO, 2010).

A Escola Agrícola da Bahia (EAB), fundada em São Francisco do Conde, no coração do Recôncavo da Bahia, foi pioneira na diplomação de engenheiros agrônomos no Brasil. Os diretores do IIBA se empenharam em trazer professores europeus para instalar e fazer funcionar aquela escola. A presença européia no corpo docente da EAB costuma ser um dos principais aspectos destacados na bibliografia acerca da instituição (TOURINHO, 1982; CAPDEVILLE, 1991; DOMINGUES, 1995; BAIARDI, 2001; OLIVER, 2005). A proposta deste texto é dar contornos mais nítidos à participação dos estrangeiros no estabelecimento da escola do Imperial Instituto.

O primeiro vice-presidente do IIBA, Francisco Golçaves Martins (1807-1872), então barão de São Lourenço, foi um dos primeiros a buscar

1 Universidade Federal do Vale do São Francisco - (Prof. Adjunto de História do Brasil - Colegiado de Ciências Sociais).
E-mail: nilton.almeida@univasf.edu.br, nilton.almeida@pq.cnpq.br

e levar ao conhecimento da Diretoria do IIBA, entre março e julho de 1861, informações obtidas em Paris acerca do engajamento de professores franceses para a criação da Escola de Agricultura.

Um dos primeiros movimentos do IIBA para a composição de seu corpo docente foi a contratação de professores da Escola Agrícola de Grignon, na França, mas não houve êxito nestas negociações (IIBA, *Livro de Pareceres*, 22/06/1861). As obras de construção da Escola e montagem dos laboratórios duraram de 1863 a 1876. Para dirigir os trabalhos, o primeiro contratado pelo IIBA foi o naturalista francês Louis Jacques Brunet.

Os eixos fundamentais do currículo proposto por Brunet eram a Matemática, a Química, a Engenharia, a Meteorologia e a História Natural conforme podemos identificar abaixo:

1.º ano. Matemática. Aritmética.

2.º ano. Geometria.

3.º ano. Álgebra.

4.º ano. Geometria analítica.

1.º ano. Química elementar.

2.º ano. Análise química.

3.º ano. Química agrícola.

4.º ano. Química industrial.

.....

.....

Meteorologia

.....

1.º ano. Construções rurais.

2.º ano. Drenagem e irrigação.

3.º ano. Mecânica rural.

4.º ano. Descrição das máquinas e instrumentos agrícolas e suas aplicações.

1.º ano. Elementos de história natural.

2.º ano. Fisiologia e Física Vegetal.

3.º ano. História das plantas usuais e das plantas cultivadas já introduzidas no Brasil ou que poderiam ser introduzidas.

4.º ano. Sericicultura, apicultura, cochonicultura e piscicultura.

(ROSADO, SILVA, 1973: 313)

Este corpo de disciplinas previa a existência de dez professores, com cada dia letivo composto de três lições de duas horas cada de 3 professores diferentes durante toda a duração (ROSADO, *ibidem*)

Em 1872, a organização da escola da escola foi dividida em três sessões para acelerar os trabalhos, a cargo de Louis Jacques Brunet e os naturalistas Luis Moreau e Frederico Maurício Draenert. Mas quem foram estes europeus que deram as primeiras coordenadas para a escola da Bahia? E como foram eles engajados na Escola Agrícola?

Brunet nasceu em Moulins (França), em 1811, e antes de mudar para o Brasil fora professor de História Natural e Música de Bazas (1835). Chegando a Pernambuco em 1850, tornou-se professor do Ginásio Pernambucano em 1855, tendo sido exonerado em dezembro de 1863, para trabalhar nas obras de construção da Escola em São Francisco do Conde (ROSADO, SILVA, 1973: 23, 42, 305).

Antes de trabalhar para o IIBA, Brunet foi um dos naturalistas viajantes que municiou as coleções de rochas e minerais do Museu Nacional, destacando-se uma viagem à Amazônia entre junho de 1860 e final de 1861, tendo remetido inúmeras vezes produtos naturais do Pará (LOPES, 1997: 98-99 e 113). Brunet também mantinha conexões com instituições européias como a Société d'Aclimatation de Paris, que em 1874 conferiu ao naturalista uma medalha².

O catálogo da Biblioteca de Brunet enfatiza tanto uma ligação com as atividades científicas brasileiras como: *Relatório acerca dos Jardins Botânicos* de J. Monteiro Caminhoá (1874); várias edições dos *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, desde o primeiro número (1876); os *Estudos sobre a quarta exposição nacional de 1875*, de José Saldanha da Gama; diversos livros da Associação Brasileira de Aclimação (inclusive os *Estatutos*); *Contribuição ao estudo da Geologia do Brasil* de Orville Derby (1882), e em especial o *Catálogo da Biblioteca da Escola Agrícola de São Bento das Lages* (1875) composto por Frederico Draenert (ROSADO, SILVA, 1973: 46-56).

2 "Grisard Jules, agente geral da Sociedade, escreveu-lhe a 27/10/1874: 'M. Geoffroy Saint-Hilaire informa-me que a medalha que vos foi conferida pela Sociedade de Aclimação não vos é ainda... Venho de informar-me sobre o assunto na Embaixada do Brasil; foi-me respondido que a medalha tinha sido enviada e que poderíeis reclama-la no Ministério dos Negócios Exteriores no Rio - Janeiro (sic). Saberá com prazer, Senhor, que obtivestes a entrega de vossa recompensa. Aceitai, Senhor, a certeza de minha consideração mais distinta'. (ROSADO, SILVA, 1973: 310-311).

Entre os 186 livros mapeados por ROSADO e SILVA, destacam-se os de idioma francês como *Histoire Naturelle des Poissons ou Ichthyologie générale* de Auguste Duméril, *Société D'Apiculture de La Gironde* (1875), *La Colonie Suisse de Nova Friburgo et la Société Philantropique Suisse de Rio de Janeiro* (1877), *Catalogue raisonné du Musée des écoles* (1885), *Dictionnaire Pittoresque D'Histoire Naturelle et des Phenomènes de la Nature* (1835, 5 vol.) ou *Rapport présenté au non du Conseil D'Administration* (1872) de Geoffroy Saint-Hilaire.

O catálogo das obras pertencentes a Brunet também revela um homem conectado com a política imperial. Há muitas «Falas» de presidentes das províncias às Assembléias Legislativas Provinciais, especialmente de autoria de Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, presidente da província da Bahia como Francisco Gonçalves Martins. Martins presidiu a Bahia em duas oportunidades, de 1848 a 1852 e de 1868 a 1871. Albuquerque governou a Bahia entre 1862 e 1863.

Encontramos a primeira menção a Sá e Albuquerque na 23ª Sessão da Diretoria do IIBA, em 05/06/1863, realizada no Palácio do Governo. Como os Presidentes da Província da Bahia eram automaticamente presidentes do Imperial Instituto, Sá e Albuquerque tratou com os demais diretores da realização de uma exposição agrícola, do intercâmbio de amostras, a periodicidade das sessões e, principalmente, da fundação definitiva da Escola. Na sessão seguinte de 21/06/1863 a criação da Escola foi pauta única do encontro, nomeando-se comissões encarregadas de elaborar as bases para a criação da Escola e sua Fazenda modelo.

Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, segundo ROSADO e SILVA, foi o responsável pela indicação de Brunet para a construção de uma Escola de Agricultura que animava os debates das sessões do IIBA (ROSADO, SILVA, 1973: 305). Até a chegada de Brunet, em janeiro de 1864, o engenheiro Dionísio Gonçalves Martins, secretário-geral do IIBA, filho do Barão de S. Lourenço, tinha dirigido as primeiras obras.

O naturalista antes de assumir o cargo já tomava providências como negociações para a contratação de sete agricultores práticos que viriam do sul da França para as lides agrícolas, conforme as atas da 25ª Sessão da Diretoria do IIBA (01/09/1863). O apoio de Sá e Albuquerque, contudo, não durou, por conta da rotatividade dos presidentes de província. Aliás, esta rotatividade foi motivo de queixas da diretoria do IIBA e ainda na década de 1860 foi implementada a obrigatoriedade da residência na província para se exercer a presidência efetiva do Instituto, ficando o presidente da província na condição de presidente honorário.

Designado para adquirir na Europa equipamentos, livros e espécimes para a escola, teve como substituto provisório Luís Blande Moreau (Atas do IIBA, 13/04/1871).

As cadeiras da escola começaram a ser estabelecidas. Também em março de 1871 foram nomeados examinadores dos programas apresentados para os Cursos de Botânica, Agricultura e Zoologia, Zootecnia e Veterinária, Trabalhos Práticos, Química, Física e Mineralogia elaborados por Brunet, Draenert e Moreau. O processo de revisão e aprovação dos programas elaborados pelos europeus indica a relevância que os agentes locais desempenharam na escolha e definição das atividades e modelos científicos a serem desempenhados.

O grupo revisor era composto por membros da Faculdade de Medicina da Bahia, Luiz Alves dos Santos, Virgílio Climaco Damásio, José Francisco da Silva Lima, e Antonio Mariano Bomfim (Atas do IIBA, 03/03/1871). Sobre o primeiro não localizamos informações, mas Virgílio Clímaco Damásio foi o proclamador da República na Bahia e seu primeiro (e efêmero) governador (SAMPAIO, 1998: 28). José Francisco da Silva Lima (1826-1910) foi um dos principais membros da «Escola Tropicalista Baiana» junto a John L. Paterson (1820-82), e Otto Wucherer (1820-73), desenvolvendo trabalhos sobre beribéri, ancilostomíase, filariose e ainhum (doenças associadas ao clima tropical) (EDLER, 2002). Antonio Mariano Bonfim também foi diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, tornando-se seu professor além de ter sido um dos signatários do derradeiro decreto de criação da EAB em 1875.

Os programas constantes no *Livro de Pareceres* com as atas da diretoria do IIBA são as únicas fontes primárias onde localizamos maiores informações sobre a atuação de Moreau. Em nenhuma documentação compulsada consta a sua naturalidade ou formação. No “Parecer do Sr. Dr. Antonio Mariano do Bonfim sobre o programa do curso de Cultura e Agrologia”, seu autor julga que o programa continha os principais pontos de tal curso, “revela somente acrescentar que na enunciação de tais pontos um ou outro descuido passou, que o Professor ilustrado corrigirá sem dúvida na exibição das lições”. Não há, porém, informações sobre sua procedência, mas o detalhamento do programa, dividido em quatro anos e quarenta lições por ano.

No primeiro semestre do primeiro ano, de acordo com Moreau, correspondia ao Estudo do Solo, Elementos de Agrologia, Estudos do Subsolo, Semeamento dos terrenos, Rotearias, Cercas Rurais e Estudos dos Estrumes. No segundo semestre, continuação do Estudo dos Estrumes, Colheitas, Conservação dos produtos. No segundo ano, ao

primeiro semestre corresponderia o estudo da Semeadura, Doenças das Plantas, Preparação do Terreno, Tratamento das Plantas e Instrumentos de cultura. No segundo semestre os tópicos eram Cultura geral das plantas, Cultura especial, Culturas das plantas sacaríferas e Cultura das Plantas leguminosas.

Para o terceiro ano Cultura das plantas raízes e das plantas de forragem, no primeiro semestre, e Cultura das Plantas Oleaginosas, Tinturosas, Narcóticas e Têxteis. O último ano teria no primeiro semestre a Cultura dos vegetais arborescentes próprios dos países quentes e, para o último semestre, “desenvolverão os alunos uma tese agrícola, que serão obrigados a defender para obter o título de Engenheiro-Agrônomo. Esta tese compreenderá um plano de cultura para uma propriedade, cujas condições topográficas ser-lhes-ão apresentadas”.

O “Parecer do Sr. Dr. Virgílio Clímado Damásio, sobre o programa de Física e Química apresentado pelo Sr. Maurício Draenert” tem maior riqueza de detalhes.

Frederico Maurício Draenert nasceu em Weimar aos 3 de Dezembro de 1838 e faleceu em 09 de setembro de 1903³. Formado na Alemanha em Weimar e Hamburgo, trabalhou na Escola de Instrução Superior para meninas, em Bützoro (Mecklemburg) e posteriormente em Hamburgo, em uma Escola de Instrução Secundária para meninos e o Ginásio Realista do Dr. H. Shleider, ensinando principalmente física e química. (BOLSEAGRIBA, 1903; *IIBA. Livro de Pareceres*, 12/04/1871).

Tendo analisado os certificados apresentados por Draenert, Damásio declarou que “é em resumo meu parecer: 1º que o candidato tem ensinado com louvor Física e Química em Colégios da douda Alemanha; 2º que será incontestavelmente vantajoso que o ensine entre nós”.

O primeiro contato de Draenert com o mundo do IIBA foi na sua contratação pelo Barão de Paraguaçu, Salvador Muniz Barreto de Aragão (membro do IIBA), quando este era Cônsul Geral do Brasil, em Hamburgo (1855), para instruir e educar os filhos de um abastado senhor de engenho em Iguape, Província da Bahia, funções que também desempenharia na casa de outro membro do IIBA, o Tenente-Coronel Francisco Antonio da Rocha Pita e Argollo, Barão de Passé, genro do Visconde de S. Lourenço⁴.

3 “FREDERICO DRAENERT”. BOLSEAGRIBA, Salvador-BA, vol. 2, n. 3, p.239-241, set., 1903.

4 No engenho S. Paulo, propriedade do mesmo Barão, estudou a moléstia da cana de açúcar. Descobriu então a primeira *bacteriose*, conhecida no reino vegetal (1868), descoberta publicada no

Os Cursos de Física, Química e Mineralogia submetidos por Draenert estruturava-se da seguinte forma:

Primeiro ano de estudos
Primeiro semestre: Física e Meteorologia
Segundo semestre: Química geral
Primeira parte metalóides e ácidos
Segundo ano de estudos
Primeiro semestre: Química geral;
Segunda parte: metais, bases e sais.
Segundo semestre: Orictognosia e Geognosia.
Terceiro ano de estudos
Primeiro semestre: Química orgânica
Segundo semestre: Química agrícola e análise
Quarto ano de estudos
Primeiro semestre: Química industrial e Análise
Segundo semestre: Tese.
 (Livro de Pareceres, 12/04/1871).

Em 1872, ocorre uma nova organização na direção dos trabalhos em S. Bento das Lages, dividindo-se o trabalho entre os três profissionais europeus em três seções. O contexto desta redefinição pelo IIBA é marcado pelo encerramento da direção interina das obras por Brunet, "visto estarem estas terminadas mandou se dar disto conhecimento ao interessado". Avaliando o estado da propriedade e a necessidade da montagem definitiva dos laboratórios e campos de cultura do estabelecimento, a Diretoria do IIBA resolveu pela reorganização do trabalho em S. Bento das Lages:

*a divisão do trabalho em três seções fica sob a administração e direção do Sr. Brunet, que tem tido a seu cargo até o presente toda a administração das obras do Imperial Instituto. **Cada seção é independente das outras**, devendo o respectivo chefe dar mensalmente ao administrador Geral, conta do que fez durante esse tempo em um relatório circunstanciado acompanhado dos documentos comprobativos da despesa efetuada, ou paga por ele. (Atas do IIBA, 04/03/1872 – Grifo nosso).*

Em termos de atividades, à primeira seção confiada a Brunet concernia a preparação e montagem do museu, armação e classificação da livreria, cuidado das aves, porcos e veados pertencentes ao IIBA. Também lhe cabiam a inspeção e conservação dos edifícios terminados.

A 2ª seção apontava para a realização de atividades de prestação de serviço e pesquisa, além do ensino, na medida em que lhe cabiam a montagem e preparação dos laboratórios de Física e Química, conservação dos instrumentos dos mesmos, bem como análise das terras e estrumes, “todas as vezes que forem exigidas, e esclarecimentos sobre as matérias relativas aos mesmos assuntos, quando a Diretoria assim o exigir”.

Quanto à terceira seção, confiada a Moreau, concernia “o tratamento dos quadrúpedes, das sementeiras plantadas ultimamente com as sementes vindas da Europa, preparação do terreno para os tabuleiros de cultura, destinados às experiências da escola, conservação das estradas, cercados” e às terras de S. Bento das Lages, em geral.

Num primeiro momento, pode-se pensar que Brunet tem neste momento que partilhar poder dentro do processo de organização da escola. Mas teria sido este encaminhamento do IIBA uma solução de compromisso com Brunet? Afinal ele não é mais o único diretor, *status* que doravante foi obrigado a partilhar, mas segue como administrador “geral”.

De acordo com ROSADO e SILVA, a divisão de funções realizada pela diretoria do IIBA ocorreu movida também por conta de um conflito interno aos profissionais engajados. Após a volta de Brunet da Europa, Moreau integrava um conjunto de forças adversárias que tramou pela sua dispensa do cargo de diretor. Brunet, de acordo com estes autores, recorre desta decisão em carta datada de 6/4/1872, ao Visconde de Sergimirim, Antonio da Costa Pinto, então Presidente do IIBA:

Houve por bem ao Sr. Dionísio Martins destituir-me como diretor interino, isto a pedido do Sr. Moreau que lhe declarou não querer mais servir sob minhas ordens, porque eu tinha criticado o abandono no qual ele deixou a propriedade durante minha ausência e também porque eu havia usado de autoridade fazendo meter uma tentativa além disso infrutuosa para fazer meter no cural (sic) da cidade de São Francisco os bois de seu amigo o Dr. Ulisses, que após haver destruído inteiramente as sementes de cana que o governo do Rio nos havia confiado e igualmente as

plantações do jardim que eu mantinha às minhas custas, continuavam a persistir no jardim apesar de minhas reclamações diárias.

Em seguida a esse pedido do Sr. Moreau a seu amigo Dionísio, a ata da sessão de 4 de abril foi sorrateiramente preparada entre eles, e o Sr. Dionísio, aproveitando-se do pedido que eu fazia à Direção de dois adjuntos, um o Sr. Drolnert (sic) para montar e conservar os objetos dos gabinetes de Física e Química, o outro o Sr. Peres para montar e preparar os objetos do gabinete de história natural, o sr. Dionísio encontrou tão habilmente o meio de iludir a Direção, dividindo o trabalho em três seções, independentes, que ela deixou passar sem duvidar em nada do que se tramava contra mim, a ata da sessão de 4 de abril, cuja redação de resto não foi conhecida senão no dia seguinte.

Além do que há de ofensivo para mim na destituição como diretor interino que não penso haver merecido, sobretudo no momento em venho de desenvolver os maiores esforços e sacrifícios para realizar na Europa o melhor possível a missão com que aprouve a V. Excelência honrar-me; por outro lado afirmo, foi feito para cada seção um orçamento de despesas onde a parte feita para os animais fica inteiramente à disposição do Sr. Moreau; (...)

Em primeiro lugar, não posso deixar passar minha destituição sem protesto perante V. Excelência (rasgado) à justiça da qual me confio.

Em segundo lugar, devo dizer-lhe que não posso aceitar frente a frente com o Sr. Moreau, a sujeição humilhante que me foi imposta.

(BRUNET apud ROSADO, SILVA, 1973: 309)

Dionísio Gonçalves Martins foi designado para o cargo de secretário efetivo do IIBA em 1870. Moreau, por outro lado, foi o substituto de Brunet quando de sua viagem à Europa.

Só é possível especular se a origem das diferenças entre Brunet e Dionísio esteve na substituição deste pelo francês na condução das obras da escola. O que podemos localizar é que Brunet levou, a princípio, a melhor sobre Moreau, pois este foi dispensado em junho do

mesmo ano, por diferença de um voto, sendo demitido apesar do apoio de Dionísio Gonçalves Martins⁵. O triunfo de Brunet durou poucos anos. No fim de 1875 o médico Arthur Cezar Rios foi nomeado Diretor da Escola (Atas do IIBA, 30/11/1875).

Brunet não foi totalmente dispensado. Estava ainda nos quadros da Escola como professor de ciências naturais. Contudo, suas segundas licenças para tratamento de saúde na Europa culminaram no afastamento definitivo⁶. Assim, ao fim e ao cabo, no momento de funcionamento da escola, havia apenas um cientista europeu: Frederico Maurício Draenert. No decorrer de sua primeira fase, a Escola de São Bento das Lages teve que contar fundamentalmente com um corpo docente brasileiro. Draenert foi lente da cadeira de Física, Química e Mineralogia desde um semestre experimental iniciado em julho de 1876, passando pelo início oficial das aulas em 1877 até 1887, quando sai da Escola Agrícola da Bahia. Dos dezesseis professores da Escola em sua primeira fase (1877-1904), Draenert foi o único estrangeiro (EAB. *Livros de atas da Congregação*. 1876-1883, 1883-1895).

Assim, por um lado, tanto as decisões da diretoria do IIBA, quanto a avaliação dos programas propostos pelos profissionais europeus por um corpo de pareceristas locados na Bahia, como o domínio de brasileiros no corpo docente da EAB, indicam a relevância dos agentes locais na institucionalização da agronomia no caso em foco. Por outro lado, pode-se localizar que as escolhas e a organização dos conteúdos programáticos se ampararam e adaptaram não só em modelos institucionais externos, mas na atuação direta de profissionais estrangeiros. O decisivo na mediação das dimensões brasileira e européia foi a existência prévia de vínculos sociais e científicos, pois tratou-se de profissionais europeus que já tinham laços com membros da diretoria do Imperial Instituto da Bahia.

5 "Por proposta do Sr. Pinto Novaes, foi demitido das funções que exercia em S. Bento das Lages, o Sr. Luis Moreau, passando o Sr. Brunet a exercer as funções que outrora exercia de Diretor exclusivo do estabelecimento. Votaram a favor da proposta os Srs. Pinto Novaes, Geremoabo e Barros Reis, e contra os Srs. Barão de S. Thiago e Dionísio Gonçalves Martins" (Atas do IIBA, 06/06/1872).

6 "Leu-se uma carta do L. J. Brunet pedindo prorrogação da licença, e foi deliberado pela Direção que se escrevesse ao referido Senhor dispensando-o do cargo de lente de História Natural, Botânica, Zoologia, etc., não só por estar perfeitamente substituído pelo Dr. João Ladislau de Cerqueira Bião, como por ter o referido Sr. transgredido o regulamento pedindo nova licença, depois de vencida a primeira" (Atas do IIBA, 21/11/1876).

Iconografia

1. Luis Jacques Brunet

2. Francisco Gonçalves Martins

3. Obras da Escola Agrícola em 1872, sob direção de Brunet.

Referências

ARAÚJO, Nilton de Almeida. *Pioneirismo e Hegemonia: a construção da agronomia como campo científico (1832-1911)*. Niterói, RJ: [s.n.], 2010.

BAIARDI, Amílcar. *“O Papel do Imperial Instituto de Agricultura na Formação da Comunidade de Ciências Agrárias da Bahia, 1859-1930”*. In Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia (7.: 1999: São Paulo) VII Reunião de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. Anais/José Luiz Goldfarb & Márcia H. M. Ferraz (orgs.). São Paulo: EDUSP: EDUNESP: Imprensa Oficial do Estado: SBHC, 2001.

BOLSEAGRIBA, “FREDERICO DRAENERT”. Salvador-BA, vol. 2, n. 3, p.239-241, set., 1903.

CAPDEVILLE, Guy. *O ensino superior agrícola no Brasil – Viçosa, UFRV*, Impr. Univ. 1991.

DOMINGUES, H. M. B. *Ciência, um Caso de Política: as relações entre as ciências naturais e a agricultura no Brasil Império*, 1995. Tese de doutorado, São Paulo: FFLCH-USP.

EAB. *Livros de atas da Congregação*. 1876-1883, 1883-1895

EDLER, F. C.: .A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina Tropical no Brasil.. História, Ciências, Saúde . Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(2):357-85, maio-ago. 2002.

IIBA. *Livro das Atas do Imperial Instituto Bahiano d'Agricultura*. 1859-1902.

IIBA. *Livro destinado para o registro das representações que dirigir o Instituto a Sua Majestade, o Imperador*, 1860-1867.

LOPES, M. Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as Ciências naturais no século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997

OLIVER, Graciela de Souza. *O papel das escolas superiores de agricultura na institucionalização das ciências agrícolas no Brasil, 1930-1950 : práticas acadêmicas, currículos e formação profissional*. Campinas, SP : [s.n.], 2005.

ROSADO, Vingt-un e SILVA, Antonio Campos. *Louis Jacques Brunet, naturalista viajante*. 1º vol. Natal, CERN, 1973.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

Lista das figuras – Créditos

1. Louis Jacques Brunet - ROSADO e SILVA, 1973.
2. Francisco Gonçalves Martins – Memorial da Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em Cruz das Almas.
3. Obras da Escola Agrícola em 1872, sob direção de Brunet. – Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional.